REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, (m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

26.º Anno — XXVI Volume — N.º 896

20 DE NOVEMBRO DE 1903

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

EÇA DE QUEIROZ EM 1876

CHRONICA OCCIDENTAL

Trouxe-nos o telegrapho a triste nova de haver succumbido em Paris, apoz uma operação dolorosa, um dos mais notaveis financeiros portuguezes, o Conselheiro Antonio Maria Pereira Carrilho, muita vez indigitado para ministro e occupando um alto cargo na Companhia Real dos Caminhos de ferro portuguezes.

Quer á companhia, quer ao estado, prestou em trabalhosas negociações relevantes, serviços no estrangeiro.

A par d'uma alta intelligencia, que de humilde empregado do commercio o elevou seguidamente aos mais altos logares, dispunha d'uma rara actividade e por isso tanta vez foi escolhido para espinhosas missões junto dos credores estranhos.

Ainda ha pouco viajara por grande parte da Europa procurando uma conciliação que permittisse a Portugal maior desafogo, e a elle se devem principalmente o que de melhor foi alcançado.

Luctou e luctou muito; na cidade que lhe foi principal campo de batalha agora encontrou a morte.

Luctou contra inimigos poderosos e muitas vezes traidores; luctou contra uma campanha de difamação de que, mais ou menos, os nossos inimigos dão signal.

Ainda este anno o Almanack Hachette diz de Portugal que é um paiz pequeno, só muito grande na sua divida, a qual trata smpre de não pagar.

D'estas grosserias muitas devemos aos francezes a quem entretanto pagamos n'uma moeda de sympathia que elles estão bem longe de merecer.

Até ha pouco, bastava ver como elles influiam em quanto era nosso, nas nossas idéas, na nossa arte, em toda a nossa litteratura. Algum bem lhe devemos, é muito certo; mas já muito mal nos iam causando.

Hoje vae diminuindo a influencia que sobre nós tinham, como n'elles diminuiu tambem o odio que tinham a quanto era estrangeiro. Ainda foi a elles que devemos podermos admirar russos e allemães, suecos e norueguezes, que pelas traducções francezas conhecemos; mas estas obras começaram a ter sobre a nossa arte e litteratura uma influencia que temos de abençoar.

Nos dois principaes theatros de Lisboa estão agora sendo com grande exito representadas duas traducções: no theatro D. Amelia, a *Magda* do grande dramaturgo allemão Sudderman; no theatro de D. Maria a *Dolores* do fallecido poeta hespanhol Feliu y Codina.

Lucilia Simões, já com fóros de primeira actriz, tem visto seu desempenho discutido, grande gloria para ella, n'esta pequenina terra em que tudo que é arte é sempre recebido com a maior indifferença. Angela Pinto desempnhou a *Dolores* com aquella alma que de ha muito a classificou entre as nossas primeiras actrizes de sentimento.

Começam os theatros a dar que falar, e ainda bem. Assim continuem quando nos servirem com prata de casa, o que não tardará.

N'estes dois mesmos theatros duas obras originaes se estão ensaiando: em D. Amelia a peça de Schwalback, *A Cruz da Esmola*, e em D. Maria a de Julio Dantas, *Um sarão nas Laranjeiras*.

No theatro D. Amelia realisou-se hontem o sarão annunciado, com a representação das tres peças premiadas no concurso aberto pelo jornal *O Dia*.

Fala-se finalmente em artistas portuguezes. E' que elles trabalham para isso; trabalham n'um meio que, se nem sempre lhes é hostil raras vezes lhes offerece o incentivo que, com muito menor dispendio de forças, os artistas encontram no estrangeiro. Por isso mais deviam ainda merecer d'aquelles que, por melhor cultura da intelligencia ou por maior bondade do coração, sabem avaliar o que lhes devemos.

EÇA DE QUEIROZ
NOS ULTIMOS ANNOS DE SUA VIDA

Discutir é já dar valor ás coisas; a indifferença é que tudo mata.

O rodar dos tempos trouxe-nos outra vez a uma região do espaço em que as discussões se accendem como d'antes o céo com as estrellas cadentes na noite de 13 para 14 d'este mez.

Antes isso, comquanto nos tenha parecido completamente descabido a que se levantou agora com respeito ao monumento erguido em homenagem ao talento de Eça de Queiroz.

Toda a argumentação gasta a censurar amigos do auctor do *Primo Basilio*, pelo culto que prestaram á sua memoria, dotando a cidade de Lisboa com uma obra prima, toda a actividade demonstrada para o fim de demolir uma reputacção, todas essas forças porque não destinal-as a combater uma injustiça, sem duvida existente, mas que é de todos nós e nunca dos que deram um bom exemplo?

Houve exaggero de certo n'aquelles que no fim de seus artigos escreveram em nórmando ser Eça de Queiroz o primeiro escriptor portuguez; mas em nossa lingua ha um velho dictado que diz: «o santo de que se prega é sempre o maior de todos.»

Procuremos no calendario outros santos e festejemol-os tambem por seus meritos absolutos em vez de discutirmos os relativos. Isto nos parece dever fazer-se, e dos jornalistas portuenses cremos que devia ser a iniciativa para o monumento de Camillo, pois que decerto encontrariam sympathias no paiz inteiro.

Lisboa dotada agora com um monumento, que pode ufanamente mostrar a todos os entendidos em arte como prova de que a arte não é morta entre nós, no dia em que o busto do Eça foi inaugurado, acclamou, como devia, o talento do esculptor, nosso querido amigo, Antonio Teixeira Lopes.

Mais glorias lhe estão ainda reservadas n'esta cidade, e é-nos grato poder annuncial-as.

Nem todo o amor ás coisas velhas morreu em Portugal, onde tantos crimes de lesa-arte hão sido commettidos, sobretudo modernamente. E' de estremecer ouvir falar em reparações, reconstituições, arranjos em monumentos. A muitos dos encarregados do que devia merecer-lhes os maiores escrupulos faltam inteiramente condições estheticas, ás vezes até a intuição do que lhes era dever.

Não vem a pêllo repetirmos agora o que tantas vezes aqui temos escripto sobre sacrilegios commettidos junto de respeitaveis monumentos historicos ou n'estes mesmos com pretexto de melhoral-os. Basta olhar para as ruinas do Carmo ou para os Jeronymos.

O mesmo não succedeu felizmente na historica Sé de Lisboa, a cujos trabalhos preside um engenheiro consagrando — caso raro — um fundo amor de artista ás nossas coisas, ás tradições portuguezas. E' esse amor que, com os poucos recursos de que dispõe, teem levado o sr. Augusto Fuschini a procurar sobretudo desenterrar de dentro de posteriores construcções e a pôr novamente á luz a velha architectura primitiva na qual se inspira para quanto fôr agora planeado.

São já dignas de ser vistas as janellas abertas na torre do lado norte, a entrada lateral, e a capella de linda architectura que a pouco e pouco, se vai desembaraçando das alvenarias que a revestiram.

Tenciona o sr. Fuschini encarregar Teixeira Lopes da execução d'uma estatua da Virgem e d'um altar da Senhora da Piedade, que serão seguramente duas obras d'arte, quer pela intenção artistica, quer pela execução que o nosso grande esculptor lhes dará por certo.

Tudo isto é um pouco melhor e mais serio do que apparatosas construcções que por ahi andamos fartos de ver, gritadoras como reclamos de dentistas e para as quaes os mestres d'obras se inspiram nos coretos para as visitas reaes.

Elles ahi se andam construindo agora a toda a pressa, pois que, apesar do desasocego da Hespanha, parece certo que, nos meados do proximo mez de dezembro, Lisboa terá a honra de receber a visita de S. Magestade Catholica.

El-rei sr. D. Carlos, partiu, ha dias, para Villa Viçosa, onde ordenou os preparativos necessarios, pois que faz parte do programma dos festejos uma visita de D. Affonso XIII ao antigo solar dos Duques de Bragança.

D'ahi El-rei de Hespanha dirigir-se-ha a Badajoz, sem voltar a Lisboa.

D'esse historico palacio sahiu ha tres seculos e tanto a Duqueza de Bragança, neta de El-rei D. Manuel, para deitar-se aos pés de seu tio moribundo, o Cardeal D. Henrique, e rogar-lhe escolhes — o herdeiro do throno de Portugal. Mas quando a deixaram entrar no quarto mortuario, D. Henrique era já agonisante e, passados mezes, o Duque d'Alba entrava em Lisboa triumphante.

Passaram sessenta annos, e d'esse mesmo palacio, para triumphante dar sua entrada em Lisboa, partiu o Duque de Bragança, D. João, acclamado rei pelos conspiradores de 1640.

Tem muito El-rei D. Affonso XIII que ver em Lisboa, não lhe faltará que ver em Villa Viçosa, nem que meditar em muitos d'esses campos do Alemtejo que vai agora atravessar. Ninguem lhe recordará decerto coisas tristes; mas quem lhe vir seu triste olhar observando aquellas charnecas, adivinhará seus pensamentos.

Um bocadinho de philosophia de historia não faz mal a ninguem, nem sequer aos reis. Tanto o bem como o mal são dignos de se lerem. Para lição, mais vale do que a historia de Carlos V a de Filippe IV e de seus desastrados validos, Conde Duque de Olivares e successores.

João da Camara.

EÇA DE QUEIROZ

Devido á iniciativa de amigos devotados do grande escriptor, acaba Lisboa de ser dotada com um dos mais bellos e artisticos monumentos que se ergam nas suas praças.

O local escolhido foi o Largo do Quintella, á sombra da elegantissima palmeira.

Ali o marmore perpetuará a memoria, não do escriptor illustre, que de marmore nem de bronze precisava, mas das fundas amizades que soube criar entre os que o conheceram e mais de perto o trataram.

Nada mais simples e commovente em suas intenções, nada mais bello em sua execução.

E' uma verdadeira obra prima o novo trabalho de Teixeira Lopes, por um alto espirito concebido, por um grande artista executado, inspirado por que foi gloria indiscutivel das letras portuguezas.

Casa onde nasceu Eça de Queiroz na Povoa de Varzim

José Maria Eça de Queiroz, nasceu na Povoa de Varzim, em 1846. Foi por muitos annos consul de Portugal em Cuba, em Bristol e ultimamente em Paris, nunca abandonou as letras em meio de seus mais arduos trabalhos, nem deixou de merecer, cada vez mais profunda, a admiração dos que em Portugal e Brazil o foram erguendo cada vez mais alto entre os maiores escriptores do nosso tempo.

Escriptor realista, palavras suas foram insculpidas no pedaço de marmore tosco que serve de pedestal á estatua da Verdade: — «Sobre a nudez forte da Verdade, o manto diaphano da fantasia.»

A Verdade o inspirou e lhe foi musa na maior parte de seus livros; á fantasia foi pedir as melhores paginas dos seus romances *O Mandarim* e *A Reliquia*.

Escriptor satyrico, foram por vezes violentas as suas chicotadas, exageradas, e alguma vez injustas. Mas a edade e a saudade da terra a que muito queria foram-lhe a pouco e pouco, transformando a maneira, dulcificando seu olhar com que a revia, lá do paiz de neve, com suas collinas verdejantes e o perfume de seus pomares. Então escreveu aquella segunda parte d'*A Cidade e as Serras*, talvez sua obra prima.

Já então era gasto e doente, e, pouco depois, fallecia, rodeado dos seus a que legava um nome immoredouro.

—

Pelas 3 horas da tarde de 9 do corrente apinhava-se o povo do largo do Quintella para ver descerrar a estatua de Eça de Queiroz, coberta pela bandeira portugueza.

Foi o sr. conselheiro Hintze Ribeiro presidente do governo, que puchou o cordão, e logo uma salva de palmas saudou o modesto monumento grande pela arte de seu auctor.

OS DISCURSOS

Na impossibilidade de publicar aqui, na integra, os discursos dos oradores que tomaram a palavra para fallar de Eça de Queiroz e do monumento a elle levantado, limitamo-nos a reproduzir alguns trechos d'esses discursos a principiar pelo do sr. conde de Arnoso:

....

«E este monumento, tão bello na sua harmoniosa simplicidade, ao mesmo tempo que perpetua a memoria do artista sublime, que só na Verdade soube inspirar-se, porque ella é sempre espelho da mais clara perfeição, levará tambem pelos seculos a dentro o nome do esculptor incomparavel, que tão assombrosamente o soube conceber e executar.

Dir-se hia, senhores, que o grande e generosissimo coração de Eça de Queiroz, não querendo entrar só na luminosa apotheose da gloria, leva comsigo o artista que no marmore lhe resuscita e immortalisa a expressão tão cheia de bondade. Porque a bondade e sem limites, foi tambem uma das grandes caracteristicas da sua nobilissima alma de eleição.

Deveria agora, senhores, falar-vos da sua prodigiosa obra, que tão profundamente revolucionou toda a nossa litteratura, mas sobre ser empreza, que excede o meu esforço, outros o vão fazer, e, em palavras que ficarão echoando nos vossos ouvidos como notas afinadas de clarins triumphaes!

E a este triumpho pode bem dizer-se que assiste o proprio glorificado, porque elle seguramente nos escuta atravez do coração despedaçado da mais desvelada das companheiras, da alma dos filhos, das lagrimas da mãe carinhosa, das enternecedoras lembranças da irmã estremecida e ainda atravez da saudade, cada vez mais doce e mais viva de todos os seus amigos.

A cidade de Lisboa, estou certo, guardará com orgulho e com amor este monumento, que lhe lembrará tambem e com honra para nós todos, que n'esta inquieta epoca de tão profundos desalentos, ainda se congregavam espiritos para semelhantes consagrações!»

Do sr. conde d'Avila:

....

«Não se confunde com a de Garrett, com a de Herculano, com a de Castilho e com a de Camillo, a prosa moderna, graciosa, cheia de surprezas phylosophicas e neologismos elegantes, do homem illustre que hoje consagramos; mas tem direito á gratidão do seu paiz.

Pode haver controversia na apreciação das escolas em que se agrupam os nossos mais distinctos publicistas; não mingua, porém, essa lucta o valor dos mestres de cada uma d'ellas, que o occupar tão honrosa magistratura é prova de grandes e excepcionaes faculdades.

Honra-se, pois, a cidade de Lisboa e o paiz inteiro, em celebrar a obra de Eça de Queiroz; a sua morte deu vibrações de dôr a esta terra em cujo idioma elle a escreveu e áquellas onde a arte e a critica mais evolucionam e progridem e que tão affectuosamente a traduziram.

Ao consagrado esculptor Teixeira Lopes e ao grupo d'amigos dedicados, que promoveram e realisaram esta celebração, entre os quaes justo é especialisar o conde de Arnoso, meu amigo, são devidos os mais alevantados louvores.

Em nome da cidade de Lisboa e como presidente da commissão administrativa do municipio, tenho a subida honra de acceitar e agradecer o monumento levantado pela dedicação d'amigos á memoria de um dos maiores escriptores portuguezes contemperaneos, e que tão cedo foi roubado ás lettras patrias».

Do sr. Ramalho Ortigão:

. . . .

«Elle e eu fomos intimos companheiros de trabalho e de estudo durante mais de trinta annos — toda uma vida. Nascemos sob a influencia astral do mesmo mez, eu um dia antes d'elle e só n'isto lhe passei adiante. Viemos ao mundo e fomos creados na mesma região de Portugal. Embalaram-nos identicas orações de nossas mães. Crescemos no seio da mesma paysagem, entre os esfumados e saudosos relevos do mesmo monte e arfante vastidão do mesmo mar. Passamos na sombra dos mesmos castanhaes e das mesmas carvalheiras, entre as amoras e as madresilvas das mesmas azinhagas. Ouvimos o borbulhante murmurio das mesmas aguas regadias, o lento gemer das mesmas azenhas, as ternas cantigas das mesmas esfolhadas, e o alegre repicar dos mesmos sinos, nas vigilias dos mesmos santos. Foi em Lisboa que mais tarde nos encontramos, ainda moços, mas bem differenciados já pela influencia do temperamento o pela dos contactos da vida na formação e descriminação da personalidade. Eu mais accentuadamente sanguineo, grossamente musculoso, antigo passarinheiro, caçador de coelhos e pescador de trutas na sussurrante espessura dos pinhaes, e na desnevada corrente dos rios angustiados e precipitosos das serras da nossa provincia, era, e fiquei para sempre, nostalgicamente minhoto, e como tal com vocação atavica para viajante e para embarcadiço, gostando de ver terras e de andar nas aguas do mar, adaptando-me facilmente a todos os meios cosmicos e domando-me a tudo. Elle, delicado, nervoso, eminentemente cerebral, prodigiosamente imaginativo, fôra desde logo em Lisboa como que hypnoticamente attrahido e aliciado pelo dramatico problema de humanidade que encerram as quatro paredes de cada predio ao longo dos populosos arruamentos de uma cidade. A perscrutação d'esse phenomeno comprehendo toda a cerebração e todo o emotismo de um logar e de uma epoca, tornou-se a absorvente e dominativa curiosidade do seu espirito.

Lisboa foi desde então o seu laboratorio de arte e o seu material de estudo a sua preoccupação de critico, o seu mundo de escriptor, o seu romance d'elle, iria dizer o seu vicio, a sua fatalidade, o seu destino. E pela razão de que profundamente se ama tudo o que profundamente se estuda, elle amou profundamente Lisboa, e a pouco e pouco se tornou elle proprio enraizadamente lisboeta, lisboeta até ás mais intimas moleculas do seu organismo até ás mais profundas criptas da sua alma».

. . . .

«E n'esse vasto scenario toda uma densa população pollula, ama, pensa, estuda, combate, intriga, devora ou boceja, e n'uma urdidura de lagrimas e n'uma trama de sorrisos penosamente vae tecendo a fragil teia da vida. As personagens de Eça de Queiroz, que elle arrancou da banalidade da carne para as immortalisar tornando-as typicas pela aureola da arte, vivem em nossa imaginação mais poderosamente e mais intensamente do que se fizessem uma parte material do nosso mundo objectivo. Fradique Mendes, Carlos da Maia, Gonçalo Ramires, o primo Basilio, o padre Amaro, o conego Dias, João da Ega, o Raposão, o dr. Margaride, o Libaninho, o conselheiro Accacio e outros muitos, são outros tantos authenticos, actuantes, ponderosos moradores de Lisboa que, n'este momento talvez nos estão ouvindo, ou cujas opiniões, theorias, modos, gestos, expressões physionomicas, e estados d'alma iremos encontrar hoje mesmo na Havaneza, no Terreiro do Paço, no Central, no Tavares ou no Augusto, descendo o Chiado ás 4 horas, passeando ao crepusculo na Avenida, ou á noite, no theatro, exhibindo-se, pontificando, discursando, flirtando ou aborrecendo-se juntamente com as mulheres, as filhas, as tias, os namoros e as proprias creadas: a allucinante e fatal Maria Eduarda, a desgraçada e tragica Luiza, a condessa de Gouvarinho, a Maria Monforte, a D. Leopoldina, a desordenada Lola, a sentimental ephemera Carmen Puebla, a abominavel Juliana, a tia Patrocinio das Neves, a «hedionda senhora».

Aos que opinem que d'este grande quadro se não extrae facilmente uma nitida e bem assignalada lei moral, eu ousarei observar que o fim da arte não é moralisar os costumes por meio do pedantismo de preceituações inuteis. O fim social da arte é simplesmente elevar por alguns momentos de puro extase intellectual as almas de uma multidão acima dos interesses materiaes, que pela persistencia da sua acção pervertem os homens, desassociando-se da sua missão collectiva de fraternidade, de admiração, de indulgencia e de amor perante a eterna harmonia do infinito universo. E' d'essa harmonia universal, passiva e transcendente que a obra artistica procura ser a imagem tenue, irreparavelmente incompleta como toda a sublime aspiração humana do imperfeito para o absoluto».

Do sr. Dr. Luiz de Magalhães:

. . . .

«E em toda essa obra, meticulosa, conscienciosa como nenhuma outra, concebida e realisada, toda ella, com a paixão da verdade e o anceio torturante da perfeição, o que é difficil, para quem a analysa, o dizer em qual das suas phases em qual dos seus momentos, em qual dos diversos aspectos litterarios por que a podem encarar, ella é mais bella mais perfeita, mais admiravel: o que é diffcil é dizer o que seja maior em Eça de Queiroz: — se o phantasista, o humorista, o observador ou o escriptor.

A sua phantasia! Onde ha a mais florida e mobil, mais imponente, mais ondeante e caprichosa mais cheia de volutas e arabescos? Ao ler algumas das suas paginas, dir-se-ha que contemplamos uma aerea phantasmagoria de nuvens, de grandes cumulos prateados, rosados, azulados, passando n'um continuo fazer e desfazer de imagens dissolventes, pelo azul radioso, ao sopro de uma doce brisa de primavera!

A sua ironia! Que extensão de escala, que variedade de tons, que multiplicidade de formas ella tem! Da «charge» caricatural, de deformação grotesca, da visão macabra, da nota francamente comica da farça, ella sobe, alada, ligeira, fina, subtil, na graça irriquieta e adejante d'um enxame zumbidor e doirado, até ás mais delicadas, ás mais raras, ás mais extranhas flores do mais alto e quintessenciado humorismo.

As suas extraordinarias faculdades de observação a acuridade da sua visão psycologica, o seu magico poder de recrear, de reanimar, os typos e os caracteres autopsiados na mesa anatomica da analyse, insuflando-lhes como que um sopro mysterioso de — vida todos esses dons supremos que são o apanagio dos grandes romancistas, ahi está a proval-os qualquer pagina ainda a menos brilhante dos seus livros. E se a creação dessas fórmas typicas de humanidade, é, n'um romancista, o signal fatidico do genio, que chamaremos ao creador comparavel de tantas e tão vivas figuras humanas algumas das quaes, d'um poderoso relevo balzaquiano, conquistaram os fóros da immortalidade litteraria?!»

. . . .

Do sr. Annibal Soares:

. . . .

Elle foi sobretudo um demolidor, e mais demolidor, porventura, do que geralmente se suppõe. Não foi um revolucionario só nas «Farpas» mas em toda a sua obra; e é necessario pôr ao lado da tortura do Padre Amaro, coagido no direito de viver integralmente, por um preconceito que fructifica em morte, o martyrio incomparavel de Luiza, punida por um erro que não é d'ella, mas da sociedade falsa e vã que a rodeia. Não foi por ella amar um dia livremente que morreu, mas porque a sociedade fez d'esse amor um crime e logo todos, desde a creada Juliana ao conselheiro Accacio, puderam degradar, espesinhar, envilecer, a creatura que apenas fôra natural.

Esta é a moral larga, justa e humana que resalta da obra do Eça — e esse era o ensinamento que vinham agradecer lhe ali.

Elle soffreu muito, e por isso foi que muito riu. Rir n'este caso, é soffrer. Quem passa galhofando do real, chora no fundo amargamente a vasta miseria humana.

Discursou ainda o sr. dr. Antonio Candido com a fluente eloquencia da sua palavra que tanta vez tem arrebatado as assembleias quando lhes falla do alto da tribuna em improvisos de orador de raça.

Faz a critica da obra de Eça de Queiroz; do homem e do litterato e diz que, tendo-se elle fixado no genero litterario para que mais pendiam os seus talentos, fez e refez seu estylo, tornando-o leve, diaphano. A sua prosa não tinha a melodia que seduz, mas o cunho singelo da verdade, na copia da natureza, em que foi inexcedivel, incomparavel.

Referiu-se a Camillo Castello Branco, fazendo justiça á pujança e fertilidade do seu talento. A Anthero do Quental, o grande poeta que tanto se elevou. A Oliveira Martins cuja intelligencia chegou a todos os conhecimentos humanos.

Vê alli Eça de Queiroz curvado sobre a Verdade, como que a pedir-lhe alento para seguir na cruzada que encetára.

O actor Ferreira da Silva recitou, admiravelmente, uma poesia do sr. Alberto de Oliveira, primorosa como todas as do illustre poeta e para este fim expressamente escripta.

Por ultimo fallou o sr. conde de Rezende, cunhado de Eça de Queiroz, que muito commovido agradeceu em nome da familia do escriptor a homenagem que ali era prestada á sua memoria.

EXCERPTOS DE EÇA DE QUEIROZ

As Cidades e as Serras

Quando o dia social de Jacintho se apresentava mais desafogado, e o céo de Março nos concedia caridosamente um pouco de azul agoado, sahiamos depois d'almoço, a pé, através de Paris. Estes lentos e errantes passeios eram outr'ora, na nossa edade de Estudantes, um gozo muito querido de Jacintho — porque n'elles mais intensamente e mais minuciosamente saboreava a Cidade. Agora porém, apesar da minha companhia, só lhe davam uma impaciencia e uma fadiga que desoladoramente destoava do antigo, illuminado extasi. Com espanto (mesmo com dôr, porque sou bom, e sempre me entristece o desmoronar, d'uma crença) descobri eu, na primeira tarde em que descemos aos Boulevards, que o denso formigueiro humano sobre o asphalto, e a torrente sombria dos trens sobre o macadam, affligiam o meu amigo pela brutalidade da sua pressa, do seu egoismo, e do seu estridor. Encostado e como refugiado no meu braço, este Jacintho novo começou a lamentar que as ruas, na nossa Civilisação, não fossem calçadas de gutta-percha! E a gutta-percha claramente representava, para o meu amigo, a substancia discreta que amortece o choque e a rudeza das cousas. Oh maravilha! Jacintho querendo borracha, a borracha isoladora, entre a sua sensibilidade e as funcções da Cidade! Depois, nem me permittiu pasmar diante d'aquellas dourejadas e espelhadas lojas que elle outr'ora considerava como os «preciosos museus do seculo XIX»...

— Não vale a pena, Zé Fernandes. Ha uma immensa pobreza e seccura d'invenção! Sempre os mesmos florões Luiz XV, sempre as mesmas pelucias... Não vale a pena!

Eu arregalava os olhos para este transformado Jacintho. E sobretudo me impressionava o seu horror pela Multidão — por certos effeitos da Multidão, só para elle sensiveis, e a que chamava os «sulcos».

— Tu não os sentes, Zé Fernandes. Vens das serras. Pois constituem o rijo inconveniente das Cidades, estes sulcos! E um perfume muito agudo e petulante que uma mulher larga ao passar, e se installa no olfacto, e estraga para todo o dia o ar respiravel. E um dito que se surprehende n'um grupo, que revela um mundo de velhacaria, ou de pedantismo, ou de estupidez, e que nos fica collado á alma, como um salpico, lembrando a immensidade da lama a atravessar. Ou então, meu filho, é uma figura intoleravel pela pretenção, ou pelo mau-gosto, ou pela impertinencia, ou pela rellice, ou pela dureza, e de que se não póde sacudir mais a visão repulsiva... Um pavor, estes sulcos, Zé Fernandes; De resto, que diabo, são as pequeninas miserias d'uma Civilisação deliciosa!

Tudo isto era especioso, talvez pueril — mas para mim revelava, n'aquelle chamejante devoto da Cidade, o arrefecimento da devoção. N'essa mesma tarde, se bem recordo, sob uma luz macia e fina, penetramos nos centros de Paris, nas ruas longas, nas milhas de casario, todo de caliça parda, erriçado de chaminés de lata negra, com as janellas sempre fechadas, as cortininhas sempre corridas, abafando, escondendo a vida. Só tijolo, só ferro, só argamassa, só estuque: linhas hirtas, angulos asperos: tudo secco, tudo rigido. E dos chãos aos telhados, por toda a fachada, tapando as varandas, comendo os muros, Taboletas, Taboletas...

Oh, este Paris, Jacintho, este teu Paris! Que enorme, que grosseiro bazar!

E, mais para sondar o meu Principe do que por persuasão, insisti na fealdade e tristeza d'estes predios, duros armazens, cujos andares são prateleiras onde se apilha humanidade! E uma humanidade impiedosamente catalogada e arrumada! A mais vistosa e de luxo nas prateleiras baixas, bem envernisadas. A relles e de trabalho nos altos, nos desvãos, sobre pranchas de pinho nú, entre o pó e a traça...

Jacintho murmurou, com a face arripiada:

— É feio, é muito feio!

E accudiu logo, sacudindo no ar a luva de anta:

Mas que maravilhoso organismo, Zé Fernandes! Que solidez! Que producção!

Dr. Luiz de Magalhães

Conde d'Avila

Actor Ferreira da Silva

O MONUMENTO A EÇA DE QUEIROZ

Inaugurado no Largo do Quintella em 9 do corrente

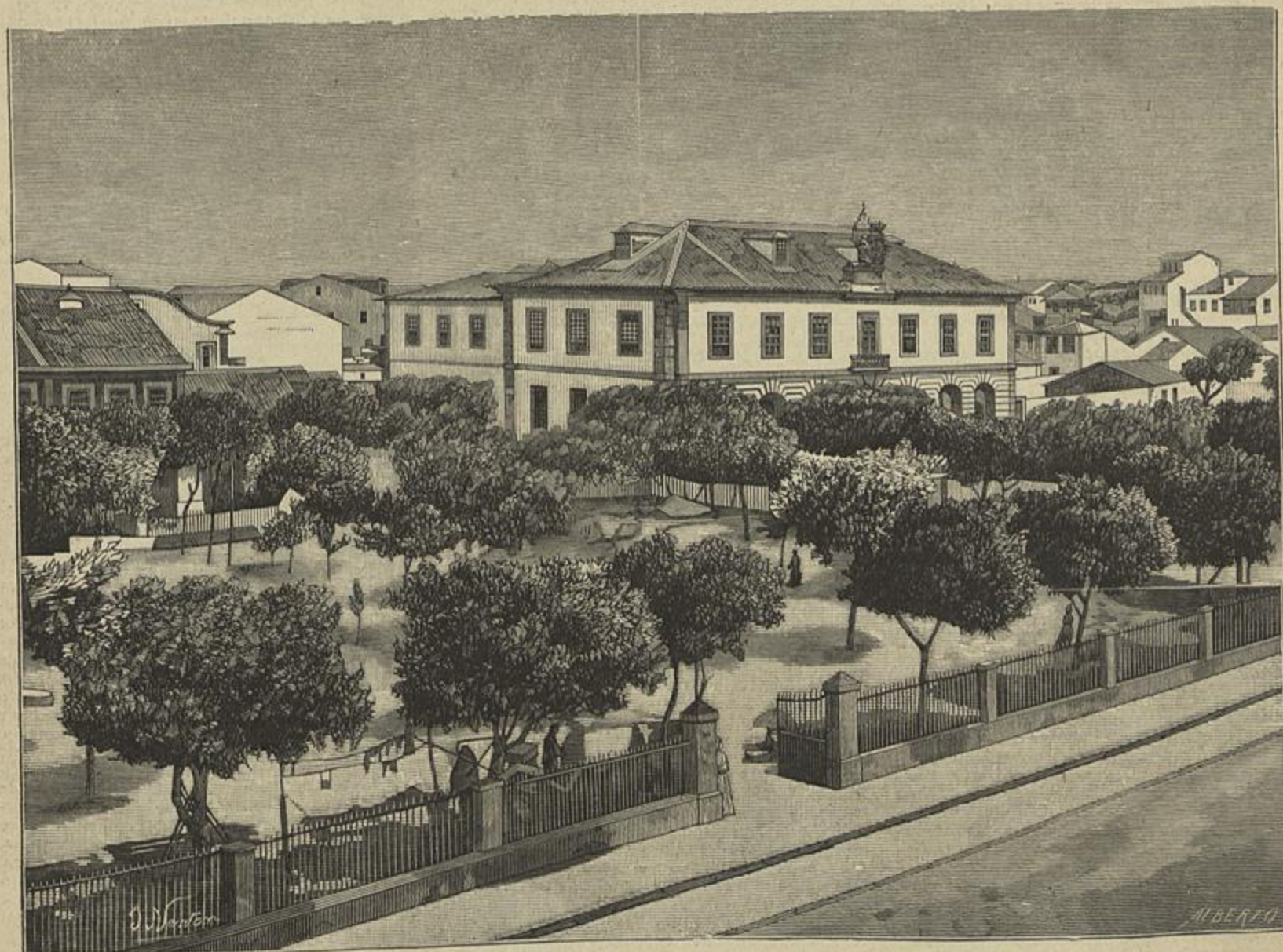
Ramalho Ortigão

Conde de Arnoso

Conselheiro Dr. Antonio Candido

OS ORADORES NO ACTO DA INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO

(Instantaneos do sr. A. Novaes)

O LARGO DAS DORES, NA POVOA DE VARZIM

PAÇOS DO CONCELHO DA POVOA DE VARZIM E PRAÇA DO ALMADA

A PATRIA DE EÇA DE QUEIROZ

Onde Jacintho me parecia mais renegado era na sua antiga e quasi religiosa affeição pelo Bosque de Bolonha. Quando moço, elle construira sobre o Bosque theorias complicadas e consideraveis. E sustentava, com olhos rutilantes de fanatico, que no Bosque a Cidade cada tarde ia retemperar salutarmente a sua força, recebendo, pela presença das suas Duquezas, das suas Cortezãs, dos seus Politicos, dos seus Financeiros dos seus Generaes, dos seus Academicos, dos seus Artistas, dos seus Clubistas, dos seus Judeus, a certeza consoladora de que todo o seu pessoal se mantinha em numero, em vitalidade, em funcção, e que nenhum elemento da sua grandeza desapparecera ou deperecera! «Ir ao Bois» constituia então para o meu Principe um acto de consciencia. E voltava sempre confirmando com orgulho que a Cidade possuia todos os seus astros, garantindo a eternidade da sua luz!

Agora, porém, era sem fervor, arrastadamente, que elle me levava ao Bosque, onde eu, aproveitando a clemencia d'Abril, tentava enganar a minha saudade d'arvoredos. Emquanto subiamos, ao trote nobre das suas egoas lustrosas, a Avenida dos Campos-Elyseos e a do Bosque rejuvenescidas pelas relvas tenras e fresco verdejar dos rebentos, Jacintho, soprando o fumo da cigarrete pelas vidraças abertas do coupé, permanecia o bom camrada, de veia amavel, com quem era doce philosophar através de Paris. Mas logo que passavamos as grades douradas do Bosque, e penetravamos na Avenida das Acacias, e enfiavamos na lenta fila dos trens de luxo e de praça, sob o silencio decoroso, apenas cortado pelo tilintar dos freios e pelas rodas vagarosas esmagando a areia, — o meu Principe emmudecia mollemente engilhado no fundo das almofadas, d'onde só despegava a face para escancarar bocejos de fartura. Pelo antigo habito de verificar a presença confortadora do «pessoal, dos astros», ainda, por vezes, apontava para algum coupé ou vittoria rodando com rodar rangente n'outra arrastada fila — e murmurava um nome. E assim fui conhecendo a encaracolada barba hebraica do banqueiro Ephraim; e o longo nariz patricio de Madame de Trèves abrigando um sorriso perenne; e as bochechas flacidas do poeta neo-platonico Dornan, sempre espapado no fundo de fiacres; e os longos bandós preraphaelitas e negros de Madame Verghane; e o monoculo defumado do director do *Boulevard;* e o bigodinho vencedor do Duque de Marizac, reinando de cima do seu phaeton de guerra; e ainda outros sorrisos immoveis, e barbichas á Renascença, e palpebras amortecidas, e olhos farejantes, e pelles empoadas d'arroz, que eram todas illustres e da intimidade do meu Principe. Mas, do topo da Avenida das Acacias, recomeçavamos a descer, em passo sopeado, esmagando lentamente a areia; na fila vagarosa que subia, calhambeque atraz de landau, vittoria atraz de fiacre, fatalmente reviamos o binoculo sombrio do homem do *Boulevard*, e os bandós furiosamente negros de Madame Verghane, e o ventre espapado do neo-platonico, e a barba talmudica, e todas aquellas figuras, d'uma immobilidade de cera, super-conhecidas do meu camarada, recruzadas cada tarde através de revividos annos, sempre com os mesmos sorrisos, sob o mesmo pó d'arroz, na mesma immobilidade de cera; então Jacintho não se continha, gritava ao cocheiro:

— Para casa, depressa!

E era pela Avenida do Bosque, pelos Campos-Elyseos, uma fuga ardente das egoas a quem a lentidão sopeada, n'um roer de freios, entre outras egoas tambem d'ellas super-conhecidas, lançavam n'uma exasperação comparavel á de Jacintho.

Para o sondar eu denegria o Bosque:

— Já não é tão divertido, perdeu o brilho!...

Elle acudia, timidamente:

— Não, é agradavel, não ha nada mais agradavel; mas...

E accusava a friagem das tardes ou o despotismo dos seus affazeres. Recolhiamos então ao 202, onde, com effeito, em breve embrulhado no seu roupão branco, diante da mesa de crystal, entre a legião das escovas, com toda a electricidade refulgindo, o meu Principe se começava a adornar para o serviço social da noite.

E foi justamente n'uma d'essas noites (um sabado) que nós passamos, n'aquelle quarto tão civilisado e protegido, por um d'esses brutos e revoltos terrores como só os produz a ferocidade dos Elementos. Já tarde, á pressa (jantavamos com Marizac no Club para o acompanhar depois ao *Lohengrin* na Opera) Jacintho arrocheava o nó da gravata branca — quando no lavatorio, ou porque se rompesse o tubo, ou se dessoldasse a torneira, o jacto d'agua a ferver rebentou furiosamente, fumegando e silvando. Uma nevoa densa de vapor quente abafou as luzes — e, perdidos n'ella, sentiamos, por entre os gritos do escudeiro e do Grillo, o jorro devastador batendo os muros, esparrinhando uma chuva que escaldava. Sob os pés o tapete ensopado era uma lama ardente. E como se todas as forças da natureza, tubmettidas ao serviço de Jacintho, se agitassem, animadas por aquella rebellião da agua — ouvimos roncos surdos no interior das paredes, e pelos fios dos lumes electricos sulcaram faiscas ameaçadoras! Eu fugira para o corredor, onde se alargava a nevoa grossa. Por todo o 202 ia um tumulto de desastre. Diante do portão, attrahidas pela fumarada que se escapava das janellas, estacionava policia, uma multidão. E na escada esbarrei com um reporter, de chapéo para a nuca, a carteira aberta, gritando sofregamente «se havia mortos?»

Domada a agua, clareada a bruma, vim encontrar Jacintho no meio do quarto, em ceroulas, livido:

— Oh Zé Fernandes, esta nossa industria!... Que impotencia, que impotencia! Pela segunda vez, este desastre! E agors, apparelhos perfeitos, um processo novo...

— E eu encharcado por esse processo novo! E sem outra casaca!

Em redor, as nobres sêdas bordadas, os brocateis Luiz XIII, cobertos de manchas negras, fumegavam. O meu Principe, enfiado, enchugava uma photographia de Madame d'Oriol, d'hombros decotados, que o jorro bruto maculára d'empolas. E eu, com rancor, pensava que na minha Guiães a agua aquecia em seguras panellas — e subia ao meu lavatorio, pela mão forte da Catharina, em seguras infusas! Não jantamos com o duque de Marizac, no Club. E, na Opera, nem saboreei Lohengrin e a sua branca alma e o seu branco cysne e as suas brancas armas — entallado, aperreado, cortado nos sovacos pela casaca que Jacintho me emprestára e que rescendia estonteadoramente a flores de Nessari.

E agora, entre roseiras que rebentam, e vinhas que se vindimam, já cinco annos passaram sobre Tormes e a Serra. O meu Principe já não é o ultimo Jacintho, Jacintho ponto final — por que n'aquelle solar que decahira, correm agora, com soberba vida, uma gorda e vermelha Theresinha, minha afilhada, e um Jacinthinho, senhor muito da minha amisade. E, pae de familia, principiára a fazer-se monotono, pela perfeição da belleza moral, aquelle homem tão pittoresco pela inquietação philosophica, e pelos variados tormentos da phantasia insaciada. Quando elle agora, bom sabedor das cousas da lavoura, percorria comigo a quinta, em solidas palestras agricolas, prudentes e sem chimeras — eu quasi lamentava esse outro Jacintho que colhia uma theoria em cada ramo d'arvore, e riscando o ar com a bengala, planeava queijeiras de cristal e porcellana, para fabricar queijinhos que custariam duzentos mil réis cada um!

Tambem a paternidade lhe despertára a responsabilidade. Jacintho possuia agora um caderno de contas, ainda pequeno, rabiscado a lapis, com falhas, e papeluchos soltos entremeados, mas onde as suas despezas, as suas rendas se alinhavam, como duas hostes disciplinadas. Visitára já as suas propriedades de Montemór, da Beira; e concertava, mobilava as velhas casas d'essas propriedades para que os seus filhos, mais tarde, crescidos, encontrassem «ninhos feitos». Mas onde eu reconheci que definitivamente um perfeito e ditoso equilibrio se estabelecera na alma do meu Principe, foi quando elle, já sahido d'aquelle primeiro e ardente fanatismo da Simplicidade — entreabrio a porta de Tormes á Civilisação. Dous mezes antes de nascer a Theresinha, uma tarde, entrou pela avenida de platanos uma chiante e longa fila de carros, requisitados por toda a freguesia, e acuculados de caixotes. Eram os famosos caixotes, por tanto tempo encalhados em Alba de Tormes, e que chegavam, para despejar a Cidade sobre a Serra. Eu pensei: — Mau! o meu pobre Jacintho teve uma recahida! Mas os confortos mais complicados, que continha aquella caixotaria temerosa, foram, com surpreza minha, desviados para os sotãos immensos, para o pó da inutilidade: e o velho solar apenas se regalou com alguns tapetes sobre os seus soalhos, cortinas pelas janellas desabrigadas, e fundas poltronas, fundos sofás, para que os repousos, por que elle suspirára, fossem mais lentos e suaves. Attribui esta moderação a minha prima Joanninha, que amava Tormes na sua nudez rude. Ella jurou que assim o ordenára o seu Jacintho. Mas, decorridas semanas, tremi. Apparecera, vindo de Lisboa, um contra-mestre, com operarios, e mais caixotes, para installar um telephone!

— Um telephone, em Tormes, Jacintho?

O meu Principe explicou, com humildade:

— Para casa de meu sogro!... Bem vês.

— Era rasoavel e carinhoso. O telephone porém, subtilmente, mudamente, estendeu outro longo fio, para Valverde. E Jacintho, alargando os braços, quasi supplicante:

— Para casa do medico. Comprehendes...

Era prudente. Mas, certa manhã, em Guiães, accordei aos berros da tia Vicencia! Um homem chegára, mysterioso, com outros homens, trazendo arame, para installar na nossa casa o novo invento. Soceguei a tia Vicencia, jurando que essa machina nem fazia barulho, nem trazia doenças, nem attrahia as trovoadas. Mas corri a Tormes. Jacintho sorrio, encolhendo os hombros:

— Que queres? Em Guiães está o boticario, está o carniceiro... E, depois, estás tu!

Era fraternal. Todavia pensei: Estamos perdidos! Dentro d'um mez temos a pobre Joanna a apertar o vestido por meio d'uma machina! Pois não! o Progresso, que, á intimação de Jacintho, subira a Tormes a estabelecer aquella sua maravilha, pensando talvez que conquistára mais um reino para desfear, desceu, silenciosamente, desilludido, e não avistamos mais sobre a serra a sua hirta sombra côr de ferro e de fuligem. Então comprehendi que, verdadeiramente, na alma de Jacintho se estabelecera o equilibrio da vida, e com elle a Gran-Ventura, de que tanto tempo elle fôra o principe sem Principado. E uma tarde, no pomar, encontrando o nosso velho Grillo, agora reconciliado com a serra, desde que a serra lhe dera meninos para trazer ás cavalleiras, observei ao digno preto, que lia o seu *Figaro*, armado de immensos oculos redondos:

— Pois, Grillo, agora realmente bem podemos dizer que o Snr. D. Jacintho está firme.

O Grillo arredou os oculos para a testa, e levantando para o ar os cinco dedos em curva como petalas d'uma tulipa:

— S. ex.ª brotou!

Profundo sempre o digno preto! Sim! Aquelle resequido galho de Cidade, plantado na serra, pegára, chupára o humus do torrão herdado, creára seiva, afundára raizes, engrossára de tronco, atirára ramos, rebentára em flôres, forte, sereno, ditoso, benefico, nobre, dando fructos, derramando sombra. E abrigados pela grande arvore, e por ella nutridos, cem casaes em redor a bem diziam.

O PRIMO BAZILIO

Foi por esse tempo que, n'um sabbado o *Diario do Governo* publicou a nomeação do conselheiro Accacio ao *grau de cavalleiro da ordem de S. Thiago*, attendendo aos seus grandes merecimentos litterarios, ás obras publicadas de reconhecida utilidade, e mais partes...

Quando na noite seguinte, em casa de Jorge, todos o cercaram felicitando-o com alarido, o conselheiro, depois de os abraçar um por um, n'uma pressão nervosa e commovida dos seus braços magros, cahindo no sophá, exhausto, murmurou:

— Não o esperava tão cedo da real munificencia! Não o esperava tão cedo! — E accrescentou, pondo a mão espalmada sobre o peito: — Direi como o philosopho: Esta condecoração é o melhor dia da minha vida!

E convidou logo Jorge, Sebastião e Julião para um jantar na quinta-feira, «um modesto jantar de rapazes, no seu humilde tugurio, para festejarem a regia graça».

— A's cinco e meia, meus bons amigos!

E na quinta-feira, os tres, que se tinham encontrado na Casa Havaneza, eram introduzidos por uma rapariguita vesga, suja como um esfregão, na sala do conselheiro. Um vasto canapé de damasco amarello occupava a parede do fundo, tendo aos pés um tapete onde um chileno roxo caçava ao laço um bufalo côr de chocolate, e por cima uma pintura tratada a tons côr de carne e cheia de corpos nus cobertos de capacetes, que representava o valente Achilles arrastando Heitor em torno dos muros de Troya. Um piano de cauda, mudo e triste sob a sua capa de baeta verde, enchia o intervallo das duas janellas. Sobre uma mesa de jogo, entre dous castiçaes de prata, uma galguinha de vidro transparente galopava; e o objecto em que se sentia mais o calor do uso era uma caixa de musica de 18 peças!

O conselheiro recebeu-os cheio d'expansões, com o *habito* de S. Thiago sobre a lapella do *frac* preto. Havia outro sujeito na sala, o snr. Alves Coutinho. Era um pouco picado das bexigas, de uma pelle amarellada, a cabeça enterrada nos hombros; o seu olhar parvo fixava-se nas pessoas com pasmo, ora pedindo protecção, ora di-

latado em admiração; e o seu bigode pellado arreganhava-se constantemente n'um sorriso alvar que mostrava uma bocca medonha cheia de dentes pódres e quebrados; esfregava sempre as mãos, concordava em tudo; era corcovado, e sempre sacudido por uma tosse secca; havia n'elle o ar d'um deboche banal e d'um embrutecimento antigo. Era um empregado do ministerio do reino, e era illustre pela sua boa letra.

E d'ahi a pouco entrou a figura conhecida do Savedra, redactor do *Seculo*. A sua face branca parecia mais balofa; o bigode preto reluzia de brilhantina; trazia ainda no queixo o pó d'arroz, que lhe pozera momentos antes o barbeiro; e a sua mão que tinha escripto tanta banalidade e tanta mentira, estava aperreada n'uma luva nova, côr de gemma d'ovo!

— Estamos todos! — disse com jubilo o conselheiro. E curvando-se: — Bem vindos, meus amigos! Estamos talvez mais á vontade no meu quarto de estudo! Por aqui. Ha um degrau, cuidado! Eis o meu *Sanctus Sanctorum!*

Era uma saleta muito espanejada a que as cortinas de cassa, a luz de duas janellas de peitoril, o verniz bem tratado dos moveis, o reflexo das vidraças das estantes, e o seu papel claro davam um aspecto alvadio e frio. Ao centro havia a larga escrivaninha de trabalho, com um tinteiro de prata, os lapis muito bem aparados e as regoas muito bem dispostas. Via-se o sinete d'armas do conselheiro, a *Carta Constitucional* ricamente encadernada. Encaixilhada, na parede, estava a *carta regia* que o nomeara conselheiro; defronte uma lithographia d'el-rei; e sobre uma mesa pousava o busto em gesso de Rodrigo da Fonseca Magalhães, tendo no alto da cabeça uma corôa de perpetuas — que ao mesmo tempo o glorificava e o chorava.

Julião pozera-se logo a examinar a livraria.

— Prezo-me de ter os auctores mais illustres, amigo Zuzarte! — disse com orgulho o conselheiro.

E mostrou-lhe a *Historia do consulado e do imperio*, as obras de Delille, o *Diccionario da conversação*, a ediçãosinha bojuda da *Encycl·pedia Roret*, o *Parnaso lusitano*. Fallou dos seus trabalhos; e disse que, vendo alli reunidas pessoas de tão subida illustração, desejaria muito ler-lhes algumas das provas que estava revendo do seu novo livro — *Descripção das principaes cidades do reino e seus estabelecimentos*, para ouvir a opinião d'elles, desassombrada e severa!

— Se não acham massada .. — acrescentou, sorrindo com modestia.

— Prazer, conselheiro! prazer!

Escolheu então «como mais propria para dar idéa da importancia do trabalho» a pagina relativa a Coimbra. Assoou-se, collocou-se no meio da saleta de pé, com as folhas na mão, e, com uma voz cheia, gestos pausados, leu:

«— . . Reclinada mollemente na sua verdejante collina, como odalisca em seus aposentos, está a sabia Coimbra, a Lusa Athenas. Beija-lhe os pés, segredando-lhe d'amor, o saudoso Mondego. E em seus bosques, no bem conhecido salgueiral, o rouxinol e outras aves canoras soltam seus melancolicos trilos. Quando vos approximaes pela estrada de Lisboa, onde outr'ora uma bem organisada *mala-posta* fazia o serviço que o progresso hoje encarregou á fumegante locomotiva, vêdel-a branquejando, coroada do edificio imponente da Universidade, asylo da sabedoria, Lá campêa a torre com o sino, que em sua folgazã linguagem a mocidade estudiosa chama *a cabra*. Para além logo uma copada arvore vos attrahe as vistas: é a celebrada *arvore dos Dorias*, que dilata seus seculares ramos no jardim d'um dos membros d'esta respeitavel familia. E avistaes logo, sentados nos parapeitos da antiga ponte, em seus innocentes recreios, os briosos moços, esperança da patria, ou requebrando galanteios com as tenras camponezas que passam reflorindo de mocidade e frescura, ou revolvendo em suas mentes os problemas mais arduos de seus bem elaborados compendios . »

— Está a sopa na mesa — veiu dizer uma velhota, de lenço branco.

— Muito bem, conselheiro, muito bem! — disse logo o Savedra do *Seculo*, erguendo-se. — E' admiravel!

E declarou, voltando-se para os lados com auctoridade: «Que o estylo era digno d'um Rebello ou d'um Latino, e que realmente estava-se precisando muito em Portugal d'uma obra d'aquelle quilate.. » E pensava baixo, com um sorriso balofo: «Grandissima cavalgadura! . » O que era a sua apreciação genericaa de todas as obras contemporaneas — excluindo os seus artigos no *Seculo*.

— Que lhe pareceu, meu bom amigo? — perguntou baixo o conselheiro a Julião, passando-lhe a mão sobre o hombro. — Mas uma opinião desaffrontada, meu bom amigo!

— Snr. conselheiro — disse Julião com uma voz profunda — tenho-lhe inveja! — E as suas lunetas escuras fixavam-se com uma preoccupação crescente n'um chale-manta pardo, que a um canto cobria cuidadosamente, a julgar pelas saliencias, altas pilhas de livros Que seria?

E antes de passar á sala declarou baixo ao conselheiro «que queria lavar as mãos».

Accacio, muito affectuoso, levou-o logo ao seu quarto, e retirou-se discretamente. Julião, sempre curioso, observou logo, surprehendido, duas grandes lithographias aos lados da cama — um *Ecce homo!* e a *Virgem das Sete Dóres*. O quarto era esteirado; o leito baixo e largo. Abriu então a gavetinha da mesa de cabeceira, e viu, espantado, uma touca e o volume brochado das poesias obscenas de Bocage! Entreabriu os cortinados fechados; e teve a consolação de verificar, — que havia sobre o travesseiro duas fronhasinhas chegadas d'um modo conjugal e terno!

E apenas elle sahiu do quarto, limpando as unhas com o lenço, o conselheiro conduziu-os á sala de jantar, dizendo:

— Não esperem o festim de Locullo: é apenas o modesto passadio d'um humilde philosopho!

Mas o Alves Coutinho extasiou-se sobre a abundancia das travessas de dôce; havia *créme* crestado com o ferro d'engomar, um prato d'*ovos queimados*, e aletria com as iniciaes do conselheiro desenhadas a canella.

— E' um grande dia para Sebastião! — disse Jorge.

O Alves Coutinho exclamou logo para Sebastião, esfregando as mãos, com um riso da sua bocca desdentada:

— E' cá dos meus, hein? Gosta do bello dôce: Tambem me péllo, tambem me péllo!

Houve um silencio; as colheres de prata, remexendo devagar a sopa muito quente, agitavam os longos canudos brancos e molles do macarrão.

E o conselheiro então disse:

— Não sei se gostarão da sopa. Eu adoro o macarrão!

— Gosta de macarrão? — acudiu o Alves, adiantando para elle a sua face arreganhada em admiração.

— Muito, meu Alves. Lembra-me a Italia! — E acrescentou: — Paiz que sempre desejei ver. Dizem-me que as suas ruinas são de primeira ordem. Pode ir trazendo o cozido, snr.ª Philomena... — Mas detendo-a, com um gesto grave: — Perdão, com franqueza, preferem o cozido ou o peixe? E' um pargo.

Houve uma hesitação, Jorge disse:

— O cozido talvez.

E o conselheiro com affecto:

— O nosso Jorge opina pelo cozido.

— Tambem estou pela sua! — exclamou o Alves Coutinho, voltado para Jorge, com o olho afogado em reconhecimento: — O cozidinho!

E o conselheiro que julgava do seu dever dar á conversação nobreza e interesse, disse limpando devagar o bigode da gordura da sopa:

— Dizem-me que é muito liberal a constituição da Italia!

(Continua).

NECROLOGIA

JOÃO JOSÉ DE SOUSA TELLES

Publica hoje o OCCIDENTE o retrato de um benemerito, e, forçoso é acompanha-lo de umas palavras, que não são uma biographia, e não tracejam com a largueza devida, uma existencia modesta e honrada.

Souza Telles, que falleceu no dia 5 de novembro, nasceu a 19 de julho de 1826.

Era filho de Henrique José de Souza Telles, natural do logar do Gonçalo, no termo de Valhelhas, districto da Guarda.

Estudando com o maior approveitamento as cadeiras de physica e chimica na Escola Polytechnica, cursou depois o curso de pharmacia, dedicando-se mais tarde ao professorado.

Estes são os primeiros traços da sua vida.

Vamos agora estudar o homem na sua existencia intellectual e moral, ou antes, examinemos aquelle cerebro e aquelle coração.

Fundado o Centro Promotor dos Melhoramentos das Classes Laboriosas, instituto que mais relevantes serviços prestou á sociedade portugueza, Souza Telles foi um dos soldados inscriptos n'esta grande cruzada da emancipação das classes operarias. Ahi começou a evidenciar-se o seu talento e as suas aptidões litterarias. Convivendo com os homens mais notaveis do seu tempo, como Herculano, Castilho, Mendes Leal, Andrade Corvo, e muitos outros de que é ocioso citar os nomes, Souza Telles, deixou o campo das especulações politicas, dedicando-se unica e exclusivamente á instrucção do povo, não só com seus escriptos, de uma salutar propaganda e ensinamento, mas com a sua palavra formosa e encantadora, ministrando os vastos conhecimentos que possuia a todos os que d'elles necessitavam. E assim realisou, em 1864, no Centro Promotor, uma serie de conferencias, que attrahiam numerosa e selecta concorrencia, pois todos desejavam ouvir a palavra facil, elegante e correcta do distincto prelector.

Mas, o que ainda mais tornou distincta a sua individualidade foi a bondade da sua alma e a honestidade do seu caracter.

Souza Telles era a parsonificação da honradez. Quem lhe apertava a mão sentia-se honrado, quem se considerava seu amigo, sentia um natural orgulho, taes eram os formosos predicados do seu espirito.

Dedicando-se por largos annos á causa da instrucção, foi chamado por Elias Garcia a cooperar n'esta grande obra civilisadora, sendo nomeado director geral d'estes serviços, que foram uma gloria de Elias Garcia, e umas paginas brilhantes da historia do Municipio de Lisboa, rasgadas por um decreto, que representa uma sombra n'uma aurora de luz

A forma como Sousa Telles exerceu o seu cargo é bem conhecida de todos. Trabalhador infatigavel, grave no seu proceder, impondo a todos respeito, e de tal forma que todos cumpriam os seus deveres, sem sacrificio, porque as suas ordens eram sempre transmittidas com auctoridade, mas com doçura.

Em todos os seus subordinados tinha uma pleiade de amigos.

Sousa Telles conhecia a vida da classe operaria, porque a estudara com o mais intenso amor. Sabia quantas familias resvalam na mais angustiosa miseria quando por um desastre ficam privadas do seu chefe. Viu que faltava uma instituição veladora para esses dias de supremo infortunio e para este fim creou o *Mealheiro das viuvas e orphãos*.

Que santa e amoravel instituição! Quantas lagrimas não tem estancado, quanta fome não tem mitigado! Que supremo raio de luz nas trevas da desgraça!

Apenas havia noticia de um desastre, lá encontravamos Sousa Telles como o anjo da caridade correndo para casa dos desventurados, levando-lhes o conforto da esmola abençoada e santa, entregue com modestia e recatada apparencia, esmola que se agradecia sem constrangimento. E a sua alma expansiva e boa sentia essas doces e amoraveis alegrias, que não ha palavras que as saibam explicar e definir.

Sousa Telles foi um dos vultos mais notaveis d'essa geração luminosa e ampla, que cheia de nobres e generosas aspirações deixou as mais bellas instituições, que são amparo e conforto em muitos infortunios.

E muitos d'esses verdadeiros benemeritos descansam em campa singella e sem que ninguem mais lhes recorde os nomes, nem os serviços prestados. Vivendo d'um mundo á parte, longe das ambições e das vaidares, sómente procuraram ser uteis, sem mira nas recompensas espectaculosas, com que se ornam tantas nullidades.

Mas ha um livro que se chama — *Historia* — e n'este hão de no futuro procurar-se os nomes d'aquelles que foram verdadeiramente grandes, d'essa grandeza que não morre, que se não extingue, que tem como pedestal o coração e como corôa de suprema luz o amor e fraternidade humana.

Sousa Telles desappareceu entre nós, mas a sua memoria viverá eternamente abençoada.

Não lhe escutaremos mais a sua palavra eloquente, lições de moral, de ensinamento e de luz; mas o seu Mealheiro recordará sempre o seu grande coração, e nos seus escriptos o seu bello talento e vastissima erudição.

Herdeiro de um nome honrado, deixa aos seus um nome honrado tambem, que será decerto continuado para gloria do illustre extincto.

Sousa Telles escreveu;

A Filha da Caridade, romance; *Visitas ao Horto botanico da Escola Medico-Cirurgica de Lisboa; A Acucena*, romance; *Compendio Elementar de Botanica; O Cicero da Mouraria; Compendio de Introducção á Historia Natural; Elogio Historico de Henrique José de Sousa Telles*, e grande numero de artigos exparsos em diversos

JOAO JOSE DE SOUSA TELLES

FALLECDO EM 5 DO CORRENTE

jornaes, principalmente em publicações scientificas.

Em 1864 encetou a publicação do *Annuario Portuguez Scientifico e Litterario*, que seria uma valiosa collecção, sendo um reportorio de todo o movimento intellectual. Mas os tempos de então ainda não eram azados para estas publicações.

Outra publicação interessante dirigiu Sousa Telles, foi a *Encyclopedia Popular*, leituras amenas.

Tinha a mais selecta collaboração dos homens d'aquella epocha. Era mensal.

O nosso querido e saudoso extincto era tambem um grande colleccionador dos primeiros numeros dos jornaes. Tambem archivava com todo o methodo as cartas dos seus amigos.

Desejariamos com mais largueza fallar da vida d'este benemerito, mostrarmos toda a grande serie de discursos que proferiu, e da sua obra no campo da instrucção, e mais ainda, da sua vida honrada e modesta, furtando-se sempre a receber mercês que galardoassem os seus meritos. Tinha o seu nome immaculado e de nada mais precisava, e é este capital valioso que elle lega como herança sagrada aos seus estremecidos filhos e viuva.

Que descance em paz o benemerito extincto, e que o seu nome seja inscripto no livro dos bons e dos uteis.

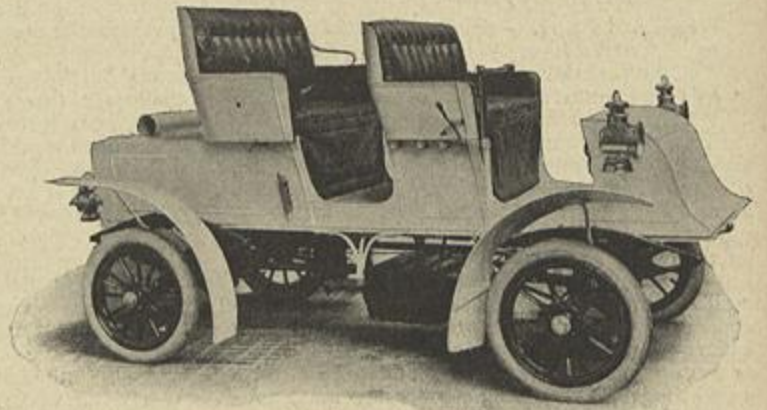
Todas as homenagens que se prestem á sua memoria, não são mais do que um dever sagrado e um acto de justiça.

Honremos os bons e os justos para lição amoravel e ensinamento, preito de gratidão que os povos cultos prestam aos que sabem cumprir a sua missão na terra, chegando a ser homens na phrase eloquente do padre Antonio Vieira.

Costa Goodolphim.

AUTOMOVEL LOCOMOBILE

A Direcção Geral das Obras Publicas de Lisboa, adquiriu para seu serviço um automovel a vapor da acreditada marca *Locomobile*, cuja elegancia e solida costrucção são já vantajosamente conhecidas.

Foi a importante e acreditada casa F. Street & C.ª, de Lisboa, que forneceu este bello automovel, o que é mais uma garantia dos creditos d'esta casa, não só n'esta especialidade como em outras machinas, sobre tudo agricolas.

AUTOMOVEL LOCOMOBILE
ADQUIRIDO PELA DIRECÇÃO GERAL DE OBRAS PUBLICAS